

OS ELEMENTOS *MAS*, *PORÉM* E *NO ENTANTO* NO GÊNERO RESUMO DE ARTIGO CIENTÍFICO: PERSPECTIVAS SEMÂNTICO-DISCURSIVAS

Marcos Antônio da Silva (UFPB/PROLING/CAPES)
sambiar@ig.com.br

INTRODUÇÃO

Nosso intuito com esse artigo é o de apresentar as primeiras considerações, sobre uma pesquisa na área da Semântica Argumentativa, que constituirão uma tese de doutorado. Dessa forma, ainda de forma limitada, buscaremos apresentar aqui uma análise semântico-discursiva dos elementos *mas*, *porém* e *no entanto* no gênero resumo de artigo científico.

Visto que os elementos *mas*, *porém* e *no entanto* são apresentados, quase sempre, pelos manuais didáticos como estruturas responsáveis pela união de termos opostos, buscamos apoio na Teoria da Argumentação na Língua, proposta por Anscombre/Ducrot (1994), pois, para estes autores, a língua é por natureza argumentativa e na própria estrutura dos enunciados há elementos que funcionam orientando os enunciados para determinadas conclusões. Ainda nos apoiamos em Koch (2004), quando apresenta a linguagem enquanto processo de interação entre os indivíduos, o que reforça a questão da intencionalidade nos usos que fazemos da língua e, também, em Vogt/Ducrot (1980), quando apresentam um estudo sobre as conjunções, dentre outros estudiosos, para observarmos o funcionamento dessas estruturas no gênero aqui em questão.

Assim, como base no nosso aporte teórico, é pertinente afirmar que os elementos *mas*, *porém* e *no entanto*, diferente do que propõem alguns manuais didáticos, têm um funcionamento que vai além do que apenas unir termos opostos, mas exercem o papel de orientar os enunciados para conclusões que podem ser opostas ou não.

Inicialmente, para este trabalho, foram selecionados apenas cem resumos, de um total de seiscentos que serão analisados, de diferentes áreas, a saber: medicina, engenharia, informática, literatura, linguística e ciências sociais. No entanto, para este artigo, lançamos mão apenas da área de literatura. Os resumos foram coletados no ano de 2011 em sites de revistas e eventos nas áreas acima citadas, bem como em anais em materiais escritos.

É preciso salientar aqui, que, uma vez que estamos em estágio inicial e dado o número reduzido de resumos para esta etapa, não nos aprofundaremos em questões quantitativas, buscando não correremos o risco de apresentar questões incompletas ou infundadas. Dessa forma, trouxemos para esta análise apenas cinco resumos analisados.

As investigações aqui referidas filiam-se ao Projeto ESAGD (Estudos Semânticos Argumentativos de Gêneros do Discurso: Redação Escolar e Gêneros Formulaicos), financiado com recursos do CNPq¹.

Este trabalho está organizado em quatro partes. Inicialmente, apresentamos algumas considerações acerca da Teoria da Argumentação na Língua desenvolvida por Anscombre e Ducrot (1994). Em seguida, abordaremos os elementos *mas*, *porém* e *no entanto* com base no que é postulado pelos manuais didáticos, bem como pela Teoria da Argumentação na Língua. Em um terceiro momento, serão apresentadas algumas breves

¹ Processo número: 501922/2009-1.

considerações sobre o gênero resumo de artigo científico, quando também faremos as análises e, em seguida, as considerações, por ora, parciais.

1. CONSIDERAÇÕES ACERCA DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA: ANSCOMBRE-DUCROT

A Teoria da Argumentação proposta por Ducrot (1988) e Ducrot e colaboradores (1994) percebe a argumentação como algo inerente à língua. Essa concepção está vinculada ao fato destes linguístas verificarem que na significação de determinados enunciados, há orientações de natureza argumentativa. De acordo com esses estudiosos, essa teoria tem “[...] como principal objetivo se opor à noção tradicional de sentido” (1988, p.49). Para tal oposição foram traçadas algumas considerações a respeito da noção de sentido.

Segundo Ducrot (1988) a noção tradicional de sentido afirma que um enunciado apresenta três indicações de sentido: objetivas (com a função de descrever algo da realidade), subjetivas (revela a intenção do falante), e intersubjetivas (o efeito provocado pelo falante nos interlocutores).

Para explicar sua crítica a essa noção, Ducrot (1988, p. 50) traz o enunciado: *Pedro é inteligente*. Nesse enunciado, o sentido objetivo é a descrição de uma realidade, no caso Pedro; o subjetivo é a intenção do falante ao mostrar admiração por Pedro e o intersubjetivo é o que o falante espera causar no seu interlocutor, ou seja, que o outro pode confiar em Pedro.

Assim, para Ducrot (1988), se a realidade é descrita através da linguagem, essa forma de descrevê-la se dá por meio dos aspectos subjetivos e intersubjetivos. A junção desses aspectos é considerada por esse autor como o valor argumentativo dos enunciados.

Considerando já uma abordagem sobre os operadores argumentativos, Ducrot (1988, p.51) chegar a afirmar que “O valor argumentativo de uma palavra é por definição a orientação que essa palavra dá ao discurso”. Ainda conforme esse autor (1994), ao se referir aos operadores *pouco* e *um pouco*, os operadores, em si, são responsáveis por favorecer não apenas certas argumentações, mas devem proporcionar outras.

Assim, de acordo com Ducrot e colaboradores (1994, p. 200), em enunciados como “Pedro trabalhou *pouco*” e “Pedro trabalhou *um pouco*”, os operadores não estão relacionados com a questão da quantidade de trabalho realizada por Pedro, mas com as conclusões, orientações argumentativas opostas, que os interlocutores iriam produzir com base nesses enunciados.

Percebendo, pois, que em todas as esferas sociais precisamos expor nossas opiniões, argumentar, discutir sobre fatos do cotidiano, acrescentamos ao nosso estudo a contribuição de Espíndola (2004, p.13) ao afirmar que, não só a língua é argumentativa, como propunha Ducrot (1988), mas “o uso também é argumentativo”.

Refletindo sobre a posição de Espíndola (2004), é interessante estar atento para o posicionamento de Koch (2004, p. 17), quando esta autora afirma que “a interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade”. Essa interação – ação verbal – é marcada por uma intenção, pois quem fala tem um objetivo para com o outro, seja para prender sua atenção, convencer o outro a fazer algo, opor-se ao outro ou impor seu ponto de vista, sobre o outro. Assim, pode-se dizer que argumentar é orientar o discurso tendo em vista uma conclusão pré-determinada. Os operadores argumentativos, portanto, têm a função de orientar os enunciados para determinadas conclusões.

2 OS ELEMENTOS *MAS*, *PORÉM* E *NO ENTANTO*: OPERADORES OU CONJUNÇÕES?

Definidas e apresentadas, tradicionalmente, como “[...] palavra invariável que liga duas orações ou dois termos que exercem a mesma função sintática dentro de uma oração” Terra (2002, p. 210), a palavra *mas*, assim como *porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto* e *no entanto*, é classificada como conjunção coordenativa adversativa que “indica oposição, contraste” pela maioria das gramáticas e manuais didáticos presentes nas salas de aula. Ainda de acordo com Terra (2002), como exemplo de uma oração coordenada adversativa, teríamos: *Pedro estuda(1), mas não aprende(2)*.

Nada mais, além disso, é dito sobre o funcionamento das “conjunções” *mas*, *porém* e *no entanto* nos enunciados apresentados pelo autor.

Para Koch (1999, p. 17), os operadores têm como função relacionar semanticamente elementos no interior do texto, essenciais para a interpretação do mesmo. A pesquisadora afirma ainda que “A coesão, por estabelecer *relações de sentido*, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga com a que veio antes, aos recursos semânticos mobilizados com o propósito de criar textos”. Trata-se, portanto, de um “elo coesivo” o funcionamento desses recursos coesivos, na produção textual.

Ainda consoante essa autora (2007, p.31) as estruturas *mas*, *porém* e *no entanto* pertencem do grupo de operadores “[...] que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias, assim como *contudo*, *todavia*, *embora* (ainda que, posto que, apesar de (que), etc.)”. Ainda que, sintaticamente, os elementos *mas*, *porém* e *todavia*, funcionem de forma diferentes, semanticamente eles possuem a mesma carga de sentido. Assim, mesmo tratando, aqui, de forma mais profunda o elemento *mas*, de forma indireta e evitando repetições, estaremos, também, nos referindo ao comportamento dos elementos *porém* e *no entanto*.

Vogt e Ducrot (1980) foram os primeiros estudiosos a se debruçarem de forma mais profunda sobre o operador *mas*. Conforme esses estudiosos é possível diferenciar dois tipos de *mas*: um *masPA*, que funciona como operador argumentativo e um *masSN* que tem como função retificar algo que foi dito na proposição anterior. Os autores (1980, p. 102) explicam que o *masSN* tem como função retificar algo; sua posição no enunciado é sempre “depois de uma proposição negativa $p = \text{não-}p$ ”, e introduz uma determinação q que substitui a determinação p negada em p e atribuída a um interlocutor real ou virtual”. Como exemplo, os autores destacam o enunciado: *Ele não é inteligente, mas apenas esperto*.

Sobre o operador *masPA*, esses estudiosos (1980, p.104) afirmam que “[...] sua função é introduzir uma proposição q que orienta para uma conclusão *não-r* oposta a uma conclusão r para a qual p poderia conduzir”. Como exemplo para o exposto, os autores nos dão o seguinte enunciado: *Ele é inteligente, masPA estuda pouco*. Assim, seja *Ele é inteligente* (p), essa proposição orientará o interlocutor para a conclusão r (possivelmente, *ele é muito estudioso*), no entanto, o *masPA* introduz uma outra proposição - *estuda pouco* (q), gerando, portanto, uma conclusão *não-r* que diverge da conclusão anterior r produzida pelo interlocutor.

No tocante aos operadores *masPA* e *embora*, Koch (2007, p.37) aponta que os dois “[...] têm funcionamentos semelhantes: eles apontam para conclusões contrárias”. De acordo com essa autora, a diferença entre esses dois operadores está diretamente ligada à “[...] estratégia argumentativa utilizada pelo locutor”. Assim, quando o locutor utiliza a estrutura X , *masY*, como em *Ele era o mais adequado para o cargo*, cria uma expectativa no interlocutor e possibilita que ele (o interlocutor) elabore uma conclusão

(r). Ao introduzir o *mas*, essa conclusão é rechaçada/anulada e uma outra é exposta pelo locutor: *mas não foi o escolhido*. A autora denomina esse recurso de “estratégia do suspense”. Guimarães (1987, p.120) destaca que essa “[...] estratégia diz algo como para frustrar a expectativa criada pelo que se deu como o começo [...]”.

Em construções realizadas com a estrutura *embora Y, X*, como em *Embora ele fosse o mais adequado para o cargo*, o operador *embora*, de certa forma, já explícita o ponto de vista do locutor em relação ao restante do que será dito: *não foi o escolhido*. Koch (2007, p. 37) dá a essa estratégia o nome de “antecipação”, uma vez que ela “anuncia de antemão”, que o argumento introduzido pelo *embora* vai ser anulado, “não vale”. Como bem coloca Guimarães (1987, p.121), em construções desse formato “[...] o que se põe como espaço de acordo inicial é posto como não sustentável na organização argumentativa”.

Para Ducrot (1988), o operador *masPA* é responsável pela orientação argumentativa do enunciado e ativa índice de polifonia. O termo polifonia é utilizado por esse autor com o intuito de mostrar que no interior dos enunciados há a presença de outras/várias vozes, chamadas também de pontos de vista ou enunciadores. O autor afirma ainda que seu objetivo, ao apresentar a noção de polifonia na linguística, é o de quebrar com a crença que existe entorno da “unicidade do sujeito”.

Alguns conceitos são básicos para entender a *Teoria Polifônica* proposta por Ducrot, a saber: *sujeito empírico, locutor e enunciadores*. Conforme o autor (1988), sujeito empírico pode ser entendido como o produtor efetivo do texto, mas nem sempre é possível identificá-lo; o locutor é o responsável pelo texto como um todo, e os enunciadores são os pontos de vista apresentados pelo locutor, com os quais o mesmo pode se identificar, rechaçar ou aprovar.

Em relação aos enunciadores, a sistematização apresentada por Ducrot (1988) propõe que o locutor L sempre rechaçará o enunciador E2. Ducrot (1988) não se refere a qualquer tipo de rechaço, apenas diz que L (o locutor) rechaçará sempre E2. Em nossas análises, ficou comprovado que o rechaço existe, mas este pode ser parcial ou total. Verificamos ainda que, embora não seja explicitado por Ducrot (1988), o *masSN*, com função retificadora também pode ser analisado, quando dos posicionamentos do locutor em relação aos enunciadores, mas que, nesses casos, a questão da análise polifônica foi possível graças à presença da partícula “não”, e não pela presença do *mas/SN*, conforme veremos nas análises.

3 O GÊNERO RESUMO DE ARTIGO CIENTÍFICO: ALGUMAS BREVES PALAVRAS

Antes de adentrarmos nas análises, faz-se necessário tecer alguns comentários sobre o nosso corpus: o resumo de artigo científico.

Conforme Bakhtin (2000), os gêneros são construídos nas diversas esferas sociais da comunicação/atividade humana. Pensando dessa forma, é possível dizer que os resumos são produtos que atendem a diversas necessidades presentes em nosso cotidiano. Assim, se alguém solicita que você resuma o filme que você assistiu, você precisará fazer um resumo, bem como precisará fazer se o professor pede que você resuma um texto lido em determinado site.

Silva e Mata (2002) apresentam como “principais tipos de resumos” produzidos em nossas atividades cotidianas os seguintes tipos: resumo de telenovela, resumo de filme, resumo jornalístico de textos e resumo literário. Já no meio acadêmico, as autoras afirmam que os principais tipos são: o resumo de tese ou dissertação, o abstract, resumo de trabalhos para congressos e o resumo escolar.

Como nosso *corpus* é formado por resumos de artigos científicos presentes em anais de congressos/eventos (nacionais/internacionais) ou em revistas científicas, iremos nos reservar a apenas discutir sobre este tipo de resumo.

De acordo com Motta-Roth e Hendges (2010, p. 152), o resumo de artigo científico tem por objetivo “sumarizar, indicar e predizer, em um parágrafo curto, o conteúdo e a estrutura do texto integral que segue”. Também seria a função do resumo ajudar o leitor no momento da pesquisa, visto que quanto mais completo for o resumo, mais informações o leitor encontrará sobre o assunto/tema que está pesquisando.

Ainda conforme as autoras citadas anteriormente, o resumo possui também a função de persuadir o leitor a ler o restante do texto, ou seja, o texto intergral.

Em se tratando do envio de um resumo para avaliação de pareceristas em um evento/congresso, quando da sua produção, aquele que deseja ter seu resumo aceito, deve estar atento a algumas “condições/normas” dos eventos. Assim, é importante que se saiba que os resumos não podem ser feitos de qualquer forma, mas eles apresentam estruturas “quase” de formulários, a saber: objetivo, marco teórico, metodologia, possíveis resultados/discussão e conclusão.

Segundo apontamentos de Silva e Mata (2002, p. 127), é possível apontar em relação ao resumo, levando em consideração o “uso e a função social do gênero” que:

É um gênero textual produzido e consumido pela comunidade acadêmica. Caracteriza-se como uma das práticas discursivas do mundo acadêmico/científico, cujo fim é o de apresentar, de forma breve, informações de cunho teórico e metodológico, sobre o trabalho que será apresentado em forma de comunicação, oficina, palestra, conferência ou minicurso.

Seria, então, a partir do exposto acima, função do resumo, apresentar pistas ao seu interlocutor, possibilitando, assim, um reconhecimento do assunto que será tratado/abordado no texto intergral.

Assim, poderíamos pensar no resumo de artigo científico como um cartão de visitas, no qual o “vendedor”, ao entregar ao seu “cliente” com o objetivo de vender seu produto (ter seu artigo aceite), permite que este veja, em um primeiro momento, as principais qualidades/atributos de seu produto (texto/artigo).

3.1 ANÁLISES DOS RESUMOS

Como dito anteriormente, trouxemos para o espaço das análises apenas cinco recortes de resumos, visto que nossas pesquisas encontram-se em fase inicial e, neste momento, nos debruçamos apenas nas análises dos resumos da área de literatura. A nossa proposta, ao final da tese, é analisar seiscentos resumos de diferentes áreas buscando identificar se há comportamentos diferentes no funcionamento dos elementos *mas*, *porém* de *no entanto*, entre as diferente áreas já citadas em outro momento neste trabalho.

Os resumos aqui apresentados, e que fazem parte do nosso *corpus* de estudo, foram coletados no ano de 2011 e passaram pelo seguinte processo: coleta dos textos em sites de revistas e anais eletrônicos de congressos nacionais e internacionais; leitura dos resumos; análise dos elementos *mas*, *porém* e *no entanto* e descrição dos elementos e seu funcionamento. Uma vez que menos de vinte por cento dos resumos foram estudados, quaisquer considerações sobre os resultados podem ser precipitadas. Assim, nossas considerações serão denominadas, por ora, parciais.

Recorte 01:

Abordaremos a importância do trabalho com o gênero poema nas salas de aula, **não** se limitando ao estudo das rimas, versos e estrofes, **mas** pautado na leitura poética do mundo, fazendo do texto literário motivo de apreciação lúdica e de motivação para a produção de intertextualidade e de muitas outras formas de criar brincando com as palavras. Desse modo, o trabalho com poemas que defendemos aqui foi observado em sala de aula e analisado a partir da aplicação de um projeto didático em uma turma de 5ª série (6º ano) [...]

O resumo do recorte 01 apresenta a estrutura *masNS* que, conforme estudos realizados por Vogt e Ducrot (1980), funciona como uma espécie de retificador da proposição apresentada anteriormente. Assim, podemos dizer que a proposição “não se limitando ao estudo das rimas, versos e estrofes” está negando um enunciado apresentado por outro locutor, ou seja, o fato do trabalho “se limitar ao estudo das rimas, versos e estrofes”. Há, portanto, nesse enunciado, a presença de um “não” polêmico, que funciona como um marcador de presença de outros enunciados. A proposição iniciada com “*mas* pautado na leitura...” retifica a proposição anterior.

Embora esses autores não apresentem uma análise polifônica para essa estrutura, percebemos que é possível identificar, pelo menos, três enunciadores, conforme a distribuição polifônica seguinte:

E1- A abordagem será limitada ao estudo das rimas, versos e estrofes.

E2- A abordagem **não** será *limitada* ao estudo das rimas, versos e estrofes.

E3- **Mas** pautada na leitura poética do mundo [...]

Notamos que o locutor não rechaça totalmente E1, visto que a abordagem incluirá também o estudo das rimas, versos e estrofes, mas não limitará apenas a esses recursos. Assim, por parte do locutor, há um rechaço parcial de E1, identificação com E3 e aprovação de E2.

Recorte 02:

O comportamento humano é um aspecto amplamente explorado por Machado de Assis. O homem, nas obras do autor, aparece como um ser corrupto, dividido entre os seus verdadeiros desejos e as convenções sociais, que fazem dos seres humanos seres falsos, que **nunca** revelam o que realmente são, **mas** usam máscaras que escondem o seu verdadeiro eu. Entre as “corrupções” tratadas por Machado, alguns exemplos seriam o interesse, a inveja, o orgulho, a ambição, a covardia, a mentira, a traição. [...]

Observando o resumo do recorte 02, identificamos a presença de uma estrutura *nunca...mas*, em que o *nunca* funciona como o *não*. Semelhante ao recorte anterior, aqui, temos o *masSN* funcionamento como retificador de algo dito anteriormente. No entanto, o comportamento do locutor frente aos enunciadores será diferente, conforme veremos.

Podemos dizer que o enunciado “os seres humanos nunca revelam o que realmente são” está negando outro enunciado, ou seja, “os seres humanos (sempre)

revelam o que realmente são” dito por um locutor virtual. Assim, o *mas* aparece com a função retificadora.

A descrição polifônica abaixo apresenta a forma como os enunciadores estão distribuídos e a posição do locutor frente a essas vozes.

E1- os seres humanos revelam o que realmente são

E2- os seres humanos **nunca** revelam o que realmente são

E3- **mas** usam máscaras que escondem o seu verdadeiro eu.

Assim, é pertinente afirmar que o locutor, nesse caso, rechaça totalmente E1, identifica-se com E3 e aprova E2.

Recorte 03:

Esta pesquisa tem como objetivo analisar crítica e sociologicamente o conto *O homem que espalhou o deserto* (1989) de Ignácio de Loyola Brandão, além de sua possível utilização em sala de aula. A obra foi escolhida por causa de sua inserção na coleção Para Gostar de Ler destinada ao público infanto-juvenil e por possuir aspectos estruturais simples que facilitam a compreensão dos leitores. **Porém**, mesmo com essa certa simplicidade e estrutura, se utilizado em sala de aula, esse conto possibilita o desenvolvimento de uma visão crítica dos alunos. [...]

O terceiro recorte nos traz um exemplo da utilização do elemento *porém*, que aqui equivale ao “mas”.

O locutor do texto apresenta o argumento de que “A obra foi escolhida por causa de sua inserção na coleção Para Gostar de Ler destinada ao público infantil e por possuir aspectos estruturais simples que facilitam a compreensão dos leitores”. Com base apenas nessa proposição, é possível que o interlocutor conclua que os alunos, após leitura do livro, tenham condições de realizar apenas reflexões básicas sobre o texto lido. Ao apresentar a proposição iniciada com o *porém* “porém, mesmo com essa certa simplicidade e estrutura, se utilizado em sala de aula, esse conto possibilita o desenvolvimento de uma visão crítica dos alunos”, o interlocutor será obrigado a elaborar uma outra conclusão que, por sua vez, será oposta (ou não) àquela elaborada apenas com base na primeira proposição apresentada.

Assim, a oposição (ou não) ocorrerá com as conclusões apresentadas pelos enunciadores E2 e E4, conforme é possível observar na descrição abaixo:

E1- A obra foi escolhida por causa de sua inserção na coleção Para Gostar de Ler destinada ao público infanto-juvenil e por possuir aspectos estruturais simples que facilitam a compreensão dos leitores.

E2- Os alunos farão reflexões básicas sobre o texto lido.

E3- **Porém**, mesmo com essa simplicidade e estrutura, se utilizado em sala de aula, esse conto possibilita o desenvolvimento de uma visão crítica dos alunos.

E4- Os alunos poderão fazer reflexões críticas sobre o texto lido.

Portanto, diante dos quatro enunciadores, o locutor assume o seguinte posicionamento: rechaça parcialmente E2, identifica-se com E1 e E4 e aprova E3. O

rechaço parcial pode ser explicado pelo fato da presença do verbo “possibilitar”, enquanto possibilidade de algo ocorrer ou não. Dessa forma, não é de bom tom pensar em conclusões opostas.

Recorte 04:

A partir da década de 60 do século XX, com o crescimento do movimento feminista, muitos espaços foram conquistados no sentido de dar visibilidade à produção literária feminina. No âmbito da poesia lírica, há um crescimento significativo de poetisas publicando suas obras e trazendo muitas particularidades à poesia brasileira. **No entanto**, os livros didáticos *praticamente* não incorporaram este importante veio de nossa lírica. [...]

No recorte 04, o locutor lançou mão da utilização da estrutura “no entanto”, que aqui, assim como o “porém” descrito anteriormente, funcionará com o valor de *masPA*, ou seja, segundo estudos ducrotianos, trata-se de um operador com função argumentativa.

O locutor do texto apresenta o argumento de que “No âmbito da poesia lírica, há um crescimento significativo de poetisas publicando suas obras e trazendo muitas particularidades à poesia brasileira.” Tomando como base esse enunciado, é possível concluir que essas poetisas também se fazem presentes nos livros didáticos. Mas, ao observarmos o argumento que se inicia com o elemento “no entanto”: “No entanto, os livros didáticos praticamente não incorporaram esse crescimento”, é possível observar que a palavra “praticamente” sugere a elaboração de uma outra conclusão que, por sua vez, não será totalmente oposta àquela elaborada anteriormente.

Vejamos a análise polifônica do resumo 04:

E1- No âmbito da poesia lírica, há um crescimento significativo de poetisas publicando suas obras e trazendo muitas particularidades à poesia brasileira.

E2- Há uma grande presença de poemas líricos nos livros didáticos.

E3- **No entanto**, os livros didáticos praticamente não incorporaram esse crescimento.

E4- Não são todos os livros didáticos que trazem poemas de poetisas líricas. Há uma presença mínima da poesia lírica nesses livros.

Assim, o locutor, diante dos quatro enunciadores, rechaça parcialmente E2, identifica-se com E1 e E4, aprova E3.

Recorte 05:

Em decorrência dos esforços de estudiosos da área de educação infantil e de literatura, assim como de algumas propostas governamentais têm-se observado uma inclusão cada vez maior de textos do gênero crônica nos livros didáticos. **No entanto**, o que se tem observado é um uso da crônica como pretexto para trabalhar aspectos linguístico-gramaticais. [...]

No recorte 05, a presença do elemento *no entanto* trata-se, como no recorte anterior, da mesma função do *masPA*. No entanto, o posicionamento do locutor em relação aos enunciadores será diferente. Inicialmente, o argumento de que estudiosos lutaram pela inclusão do gênero *crônica* nos livros didáticos leva o ouvinte a concluir que, hoje, há um trabalho efetivo com esse gênero na sala de aula. Mas, quando

apresenta o argumento de que “o que se tem observado é um uso da crônica como pretexto para trabalhar aspectos linguístico-gramaticais”, argumento esse introduzido pelo elemento “no entanto”, o ouvinte precisa elaborar outra conclusão, oposta à elaborada inicialmente.

Essas conclusões (E2 e E4) ficam mais claras quando observamos a descrição dos enunciadores no esquema abaixo:

E1- Em decorrência dos esforços de estudiosos da área de educação infantil e de literatura, assim como de algumas propostas governamentais têm-se observado uma inclusão cada vez maior de textos do gênero crônica nos livros didáticos.

E2- Há um trabalho efetivo com o gênero crônica nos livros didáticos

E3- **No entanto**, o que se tem observado é um uso da crônica como pretexto para trabalhar aspectos linguístico-gramaticais.

E4- Não há um trabalho efetivo com o gênero crônica nos livros didáticos.

Aqui, no recorte 05, o locutor assume o seguinte posicionamento frente aos enunciadores: rechaça E2, identifica-se com E1 e E4 e aprova E3.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Pensar a língua enquanto estrutura estática e abstrata, por meio de classificações de vocábulos e posições de palavras nas frases, em nada contribuirá para a formação de leitores e produtores textuais competentes, aptos a atuarem nos mais diversos ambientes da nossa sociedade, pois, como vimos nas análises, os elementos *mas*, *porém* e *no entanto* têm funcionamentos que vão além do que é proposto pelas gramáticas tradicionais, quando dizem que essas estruturas servem apenas para unir termos opostos.

Ainda é preciso que se diga que, enquanto são tratadas como elementos “praticamente vazios de valores semânticos”, elementos como *mas*, *porém* e *no entanto*, além de outros não tratados aqui, funcionam orientando os enunciados para conclusões opostas e, quando aliadas a palavra como “praticamente”, revelam, além de uma argumentatividade, um objetivo modalizador que, também, é uma estratégia argumentativa.

Com base nas análises do nosso *corpus* - salientamos que se trata aqui de uma pesquisa que se encontra em estágio inicial - no uso real da língua, o funcionamento dos elementos *mas*, *porém* e *no entanto* - do ponto de vista do posicionamento do locutor frente aos enunciadores - vai um pouco além do que foi previsto por Anscombre/Ducrot, visto que o locutor pode rechaçar total ou parcialmente E2, conforme visto nas análises.

Talvez ainda seja muito prematuro falar em predominância, visto que observamos apenas cem resumos. No entanto, é possível, com base nesse número ainda pequeno, apontar para um número quase igualitário de ocorrências em que o posicionamento do locutor é rechaçar parcialmente E2 e em que rechaça totalmente E2.

Registramos, assim, que apenas com base em análises mais consistentes - no sentido de quantidade e variedade de resumos (o que acontecerá ao longo dos próximos semestres) - é que poderemos tecer comentários mais contundentes.

Referências Bibliográficas

- ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. *La argumentación en la lengua*. Versión española de Julia Sevilha e Marta Tordesillas. Madrid: Editora Gredos, 1994.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Trad. de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Revisão Técnica da Tradução Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- _____. *Polifonia e Argumentação*: Conferência del Seminario Teoria de la Argumentación y Analisis del Discurso. Cali: Universidad del Valle, 1988.
- ESPÍNDOLA, Lucienne. *A entrevista: um olhar argumentativo*. João Pessoa: Editora Universitária, 2004.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do Português*. Campinas. São Paulo: Fontes, 1987.
- KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. *A coesão textual*. São Paulo: Cortez, 1999.
- MACHADO, Anna Rachel. Revisitando o conceito de resumo. In: _____ et al (Org). *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, Graciela H. *Produção Textual na Universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- SILVA, Jane Q. Guimarães; MATA, Maria Aparecida da. Proposta Tipológica de resumos: um estudo exploratório das práticas de ensino da leitura e da produção de textos acadêmicos. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 123-133, 2º semestre. 2002. Disponível em: http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta11/Conteudo/N11_Parte01_art09.pdf. Acesso em 04 de fevereiro de 2012.
- TERRA, Ernani. *Curso Prático de Gramática*. São Paulo: Scipione, 2002.
- VOGT, Carlos; DUCROT, Oswald. De magis a mas: uma hipótese semântica. In: VOGT, Carlos: *Linguagem, Pragmática e Ideologia*. São Paulo: HUCITEC, 1980. p. 103-128.